

PROUDHON, CLINICIEN DU SOCIAL

Proudhon, clínico do social

Pierre Ansart

Tradução: Juliana Vermelho Martins¹

RÉSUMÉ

Pourquoi Proudhon (1809-1865), penseur et anarchiste actif présent dans plusieurs écrits d'Ansart, ne se retrouve-t-il pas dans le large éventail des dix auteurs que celui-ci a nommés «cliniciens des passions politiques»? Cette absence a intrigué les chercheuses en collaboration active dans le Dossier Ansart proposé pour la Revista História: questões e debates [Revue Histoire: questions et débats]. La curiosité intellectuelle et la persistance dans la recherche de la réponse à cette intrigante question ont conduit à la découverte du texte «Proudhon, clinicien du social» (Archives proudhoniennes, Société P.-J. Proudhon, Paris, 1996.1996, p. 3-13). Nous pensons qu'il s'agit d'un article séminal pour les réflexions de Pierre Ansart sur les passions politiques. Ainsi, au moment de constituer le dossier à l'occasion de son centenaire, nous mettons à la disposition du public le texte en portugais, afin de souligner l'originalité et la richesse de sa pensée. L'article a été initialement publié en 1996, dans Archives proudhoniennes, revue de la Société P.-Joseph Proudhon, créée en 1982 dans le but de diffuser les idées du socialisme libertaire et du fédéralisme de Proudhon. Pierre Ansart a été l'un des fondateurs de cette entité, en collaborant à des débats, rencontres et publications. C'est dans cet article qu'il a adopté pour la première fois la métaphore du «clinicien» pour les observateurs et les réformateurs de la réalité sociale et politique. L'année suivante, il a publié le livre Les cliniciens de passions politiques, bientôt en portugais avec l'excellente traduction faite par Jacy Seixas, sous presse dans la maison d'édition de l'Université fédérale du Paraná. Dans l'article qui suit, nous avons eu la collaboration de Phillippe Arthur dos Reis qui l'a consulté et photographié à la Bibliothèque nationale de France et d'Olivier Ansart qui en a autorisé la publication.²

RESUMO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Por que Proudhon (1809-1865), pensador e ativo anarquista presente em vários escritos de Ansart não se encontra no amplo arco de dez autores

1 É licenciada em Letras Francês pela UFPR, mestranda em Tradução pela Kent State University, Ohio, US. Tradutora juramentada de francês pelo estado do Paraná. E-mail: juliana.vermelho@gmail.com.

2 Resumo escrito pelas organizadoras do Dossier Homenagem a Pierre Ansart: Quais suas herança(S) para pensarmos as linguagens das paixões políticas?

nomeados por ele como “clínicos das paixões políticas”? A ausência intrigou as pesquisadoras em ativa colaboração no Dossiê Ansart proposto para a Revista História: questões e debates. A curiosidade intelectual e a persistência na busca da resposta à intrigante pergunta levou à descoberta do texto “Proudhon, clinicien du social” (Archives Proudhoniennes, Société P.-J. Proudhon, Paris, 1996. 1996, p. 3-13). Acreditamos ter sido ele um artigo seminal para as reflexões de Pierre Ansart sobre as paixões políticas. Assim, ao montarmos o dossiê para marcar seu centenário, trazemos o texto a público em português, no intuito de evidenciar a originalidade e a riqueza de seu pensamento. O artigo foi originalmente publicado em 1996, nos Archives Proudhoniennes, revista da Société P.-Joseph Proudhon, criada em 1982 com a finalidade de difundir as ideias do socialismo libertário e o federalismo de Proudhon. Pierre Ansart foi um dos fundadores desta entidade colaborando com debates, encontros e publicações. Foi neste artigo que ele adotou, pela primeira vez, a metáfora “clínico” para os observadores e reformadores da realidade social e política. No ano seguinte, publicou o livro *Les cliniciens de passions politiques*, agora em português com tradução primorosa de Jacy Seixas, no prelo pela Editora da UFPR. Contamos com a colaboração de Phillippe Arthur dos Reis que acessou e fotografou o artigo na Biblioteca Nacional da França e com a autorização de Olivier Ansart para a publicação.³

Na noite de 26 de fevereiro de 1848, quando a República acaba de ser proclamada, quatro cidadãos armados se apresentam à casa de Proudhon e, de certa forma, o instigam a responder à questão: O que fazer?⁴ Nesse fim de fevereiro, quando cada um se pergunta sobre o que será o dia seguinte e para quais objetivos é conveniente agir e se dirigir, esses homens exprimem o que muitos cidadãos, comprometidos com uma prática revolucionária, esperam dele. Desejam de um escritor que se tornou conhecido por suas críticas radicais à ordem estabelecida e por seus posicionamentos a favor das classes populares que ele estabeleça princípios de ação, indique as verdadeiras soluções para os problemas sociais e políticos, o que ele não tinha realmente feito anteriormente, antes das jornadas de fevereiro. Esses cidadãos escolhem Proudhon como reformador ou, digamos, como um clínico, consciente da situação social, das contradições econômicas e dos sofrimentos populares, de quem se pode esperar uma resposta positiva e efetiva aos problemas imediatos, mas também às questões mais amplas da

3 Tradução de Juliana Vermelho Martins.

4 PROUDHON, Pierre-Joseph. (1849) *Les confessions d'un révolutionnaire*. Paris : M. Rivière, 1929, p. 19.

organização social.

Na obra de Proudhon, a experiência e os dramas da Revolução de 1848 marcam uma fissura na sua reflexão e o início de uma busca mais constante de “soluções” para os problemas sociais e políticos. No entanto, essa ruptura é apenas parcial e gostaríamos de enfatizar aqui a continuidade de uma atitude que poderíamos chamar de “clínica”, que se manifesta desde os textos de 1840 e continua sem interrupções essenciais nos textos posteriores a 1848. Gostaríamos de destacar a permanência desse projeto, que se caracteriza por duas preocupações complementares: de um lado, aquela de um conhecimento tão exato quanto possível dos males coletivos e, de outro, aquela de uma busca de soluções, de um estudo exploratório dos meios (das “soluções”) capazes de resolver os males diagnosticados. É o sentido que ele já dava em *Système des contradictions économiques* [*Sistema de contradições econômicas*], em 1846, em sua epígrafe: *destruam et aedificabo, que traduziu nestes termos em Idée générale de la Révolution au XIXe siècle* [*Ideia geral da Revolução no século XIX*], colocando os dois verbos no presente: *Eu destruo e construo*⁵. Essa vocação que podemos chamar de “clínica” certamente não é original entre os Reformadores dos anos 1820-1848 e pertencente apenas a Proudhon. Pelo contrário, é comum a eles e é até mesmo um tema constante, tal como entre os saint-simonianos ou fourieristas, querer apontar os males sociais para depois lhes propor “remédios”. Leiamos novamente na íntegra, por exemplo, o título dado por Eugène Buret a seu livro de 1840 sobre a miséria operária: *Sobre a miséria das classes trabalhadoras na Inglaterra e na França: sobre a natureza da miséria, sua existência, seus efeitos, suas causas e a inadequação dos remédios que lhe foram até o momento aplicados, com os meios próprios para livrar dela as sociedades*⁶. Nesse longo título, não existe a expressão resumida do projeto clínico dos Reformadores: estudar para propor; analisar sistematicamente os males, suas causas e seus efeitos, criticar as falsas soluções (os “paliativos”, diz Proudhon, em *Système des contradictions économiques*⁷) e propor as respostas ou, no vocabulário metaforicamente médico, os “remédios” aos males.

5 PROUDHON, Pierre-Joseph. (1849) *Les confessions d'un révolutionnaire*. Op.cit., p. 19.

6 BURET, Eugène. De la misère des classes ouvrières en Angleterre et en France: de la nature de la misère, de son existence, de ses effets, de ses causes et de l'insuffisance des remèdes qu'on lui a opposés jusqu'ici, avec l'indication des moyens propres à en affranchir les sociétés. Paris : Paulin, 2 vol., 1840.

7 PROUDHON, Pierre-Joseph. (1849) *Les confessions d'un révolutionnaire*. Op.cit., p. 147.

Mas se este duplo projeto é amplamente comum aos reformadores e os opõe claramente aos teóricos do *laissez-faire*, ele levanta múltiplos problemas tanto em termos de diagnóstico quanto em termos de remédios; é nessa questão de contornos vastos que eles se aproximam e se diferenciam. Cada ponto dessa abordagem de fato apresenta problemas e dificuldades: quais são os males essenciais e como explicá-los; pode-se avaliá-los cientificamente? É possível ou mesmo necessária uma clínica? Quais são as soluções realistas e quais são as relações entre o passado a ser destruído e a sociedade a ser construída? Ou estamos condenados a oscilar entre a inação e a utopia?

Como Proudhon assumiu essa atitude clínica e quais foram as principais linhas da sua concepção sobre esse assunto? Em primeiro lugar, lembremos que essa atitude não é de forma alguma partilhada por todos os observadores políticos. Pelo contrário, ela distingue claramente esses reformadores de todos aqueles – ultra, moderados ou liberais – que consideram perigoso ou utópico qualquer projeto que questione fortemente a ordem estabelecida. De Benjamin Constant a Alexis de Tocqueville, uma ampla gama de posições tornava a atitude do clínico uma utopia lamentável, possivelmente perigosa e passível de perturbar desagradavelmente os meios populares. Benjamin Constant tinha explicado, no final do Primeiro Império, que as paixões políticas tendiam necessariamente a acalmar-se em um mundo dedicado ao enriquecimento e onde a acumulação de prazeres se tornaria a meta comum e o objetivo pacificador⁸. Menos otimista, Alexis de Tocqueville não negava a persistência dos males associados às desigualdades econômicas e à ganância das riquezas, mas acreditava que o regime democrático era sustentado por um vasto movimento no sentido da igualdade das condições, conduzindo necessariamente a uma mitigação das violências e da dor e sofrimento sociais⁹. A oposição entre esses liberais, partidários do *laissez-faire*, e os reformadores está completa nas premissas da clínica: a tese comum a Buret, Charles Fourier, Étienne Cabet e Proudhon é que a ordem estabelecida, ao contrário da opinião dos defensores da ordem, traz problemas insuperáveis. Fourier, Louis Blanc, assim como Louis René

8 CONSTANT, Benjamin. (1814) *De l'esprit de conquête*. Paris : Gallimard, Pléiade, 1957, p. 1.046

9 TOCQUEVILLE, Alexis. (1835-1840) *De la Démocratie en Amérique* Paris : Gallimard, Ed. Folio, 1966, T. 1, p. 37.

Villermé¹⁰ ou Joseph-Marie de Gérando¹¹, estigmatizam a extensão da miséria ou do “pauperismo”. Sob diferentes perspectivas, quer comparando as situações das diferentes nações europeias, quer descrevendo cuidadosamente locais de grande pobreza, esses reformadores concordam em denunciar e diagnosticar os mesmos fenômenos de desigualdade e de privação.

Uma primeira originalidade de Proudhon nesse diagnóstico compartilhado é recusar-se a deduzir apressadamente dessa constatação um programa de reforma. Enquanto Louis Blanc, por exemplo, em 1840¹², deduz rapidamente seu projeto de organização do trabalho do quadro dramático da grande miséria, Proudhon concentra sua reflexão na análise das estruturas econômicas e nas suas contradições. A observação clínica desvia-se dos sintomas para estudar mais profundamente as relações socioeconômicas, de acordo com um movimento intelectual que Karl Marx renovará em *O Capital*. Em *Système des contradictions économiques*, a interrogação sobre as soluções parece suspensa. Alguns comentários esparsos anunciam em que espírito essas soluções deveriam ser procuradas e, acima de tudo, de que maneira elas não o devem ser (*a comunidade, a utopia...*), mas nenhuma resposta positiva é desenvolvida e argumentada. A clínica, nesse período, deve basear-se em um conhecimento das estruturas e mecanismos socioeconômicos. O tempo do diagnóstico não se mistura ao tempo do tratamento.

A segunda originalidade de Proudhon entre esses reformadores é continuar a investigação clínica para muito além da crítica econômica, em direção à análise das relações de dominação política e em direção à análise dos sistemas simbólicos. Nesse aspecto, sua crítica é inequivocamente diferente daquela de muitos dos seus contemporâneos. Em seus textos de 1849-1853, Proudhon desenvolve uma observação sistemática da alienação política, como tinha desenvolvido anteriormente uma observação dos males econômicos. A noção de “crítica” que costumamos usar para designar o espírito dessa empreitada não reflete com precisão seu projeto nessa área. É de fato uma crítica e análise dos males provocados por vários regimes políticos, mas seu projeto é mais ambicioso do que o termo “crítica” expressa. Ele busca, em *Idée générale de la Révolution*, construir uma

10 VILLERMÉ, Louis René. *Tableau physique et moral des ouvriers employés dans les manufactures de coton, de laine et de soie*. Paris: Renouard, 1840, 2 vol.

11 GÉRANDO, Joseph-Marie de. *De la bienfaisance publique*. Paris: Renouard, 1839, 4 vol.

12 B LANC, Louis. *L'organisation du travail*. Paris: Prévot, 1840.

genealogia do poder político e do Estado, constituir uma ciência do Estado cujos elementos ele retomará em *Principe fédératif* [*Princípio federativo*]. Apesar das invectivas, não se trata apenas de denunciar o domínio, mas também de demonstrar a existência da privação das vontades, de analisar os mecanismos da submissão e de desenvolver um conhecimento sistemático disso. E, assim como a miséria se tornou uma consequência do fenômeno mais geral das contradições econômicas, a submissão do cidadão ao Estado e a sua renúncia tornam-se as consequências de um fenômeno mais geral que é o reforço do poder e a sua “*exteriorização*”¹³ em relação à comunidade. A clínica é, certamente, uma polêmica, mas ela ambiciona chegar a um diagnóstico do mal político que é a dominação.

Sabe-se que a observação crítica não se detém nessas duas áreas fundamentais das contradições econômicas e das relações políticas. Em *De la Justice* [*Sobre a Justiça*], Proudhon insiste em sua empreitada no campo das crenças coletivas a partir do exemplo das crenças religiosas. Também aqui, a virulência da polêmica não deve fazer esquecer a ambição do projeto que vai além da mera crítica científica às crenças religiosas. Trata-se de construir uma teoria da alienação, mostrar a oposição entre uma filosofia da transcendência e uma filosofia da imanência, propor uma sociogênese da alienação espiritual e demonstrar suas consequências. A intenção clínica é inequivocamente compreendida na declaração dos efeitos das crenças transcendentais a que Proudhon se refere pelos termos “*depravação*”, “*decadência*”, “*submissão*”... Fica-se tentado a atribuir rapidamente esses julgamentos moralizadores ao rigor da moral própria do autor. Mas seguindo seu raciocínio, vê-se que ele está perseguindo a mesma investigação crítica sobre o conjunto do sistema social, a fim de chegar a um diagnóstico global. A denúncia reiterada da hipocrisia, por exemplo, faz parte dessa linha de pensamento; é menos uma questão de expressar indignação do que de ligar as mentiras e as falsidades às máscaras das ideologias religiosas e políticas e de mostrar suas relações de complementaridade. A hipocrisia tem as suas razões de ser, ela responde a interesses analisáveis; é preciso explicá-la e não apenas indignar-se com ela. A ambição de criar a ciência social implica o projeto de analisar as estruturas, as contradições socioeconômicas, o sistema de açambarcamento político da vontade social, os mecanismos ideológicos

13 PROUDHON, Pierre-Joseph. (1851) *Idée générale de la Révolution au XIXème siècle*. Op.cit., p. 369.

de privação pelas mitologias e pelas religiões, de explicar como essas três alienações se sobrepõem, se complementam e se reforçam mutuamente. De acordo com a fórmula sintética de 1849:

A ideia econômica do capital, a ideia política do governo ou da autoridade, a ideia teológica da Igreja, são três ideias idênticas e reciprocamente convertíveis... O que o capital faz sobre o trabalho e o Estado sobre a liberdade, a Igreja, por sua vez, opera sobre a inteligência.¹⁴

Com essas poucas palavras, Proudhon resume suas análises críticas ou, pode-se dizer, sua sociologia.

Essa análise descritiva e explicativa não é, seguramente, o único objetivo de Proudhon e, como recordávamos, a intenção reformadora e revolucionária está presente desde as páginas de 1840. Desde esses primeiros textos, o projeto é, pode-se dizer, duplo: analisar da maneira mais exata possível a apropriação operada pelo capital (e, nisso, Proudhon pode retomar ao pé da letra os trabalhos dos economistas Adam Smith e David Ricardo), mas, simultaneamente, deixar claro que uma solução para as contradições é possível e deve ser buscada. Uma clínica supõe uma certa distinção entre os dois momentos da reflexão: analisar, depois tirar dessas conclusões as linhas gerais dos remédios. Mas as duas preocupações não são independentes: por que indignar-se se não há remédio, ou mesmo por que começar o estudo se não há esperança de solução? A base da indignação não reside só na experiência do sofrimento, ela está também na certeza de que esse sofrimento é remediável, pode-se dizer curável, e de que é possível agir para esse fim.

Apresenta-se, portanto, a questão central da terapêutica: como deve ser encarada a relação entre o presente e o futuro, entre as contradições econômicas e sua resolução, entre a alienação política e uma sociedade que teria reconquistado sua autonomia, entre a transcendência do simbólico e a imanência? Ou, no vocabulário da clínica, como se passa da observação à proposta fundamentada de remédios? Essa questão se apresenta a todos os reformadores, quer eles assumam lucidamente uma ruptura utópica ou a

14 PROUDHON, Pierre-Joseph. *Les confessions d'un révolutionnaire*., Op.cit, p. 282.

recusem. Fourier explica inequivocamente que a passagem da ordem presente à comunidade do Falanstério só pode ser alcançada pela rejeição radical das regulamentações sociais e econômicas, por um “*afastamento absoluto*” entre o que é e o que deveria ser. A “*civilização*” atingiu tal ponto de absurdo e horror que só existe solução na rejeição radical e na fundação de um novo mundo que obedeça a outros princípios. Nesse aspecto, o reformador é menos um clínico do que um inventor e um profeta: ele pode contentar-se em lembrar, em pinceladas gerais, os vícios da civilização, mas sua contribuição essencial está na sua invenção do novo mundo cuja evidente sedução vai se impor a toda mente esclarecida. O reformador é mais um inventor do que um clínico, mesmo que ele tenha a ambição de assumir esse papel.

Sabe-se a resposta de Marx e ela ilumina a originalidade da resposta proudhoniana. A questão da clínica não é menos relevante para Marx, mas ela inscreve-se mais no devir histórico do que na arte dos reformadores. Em primeiro lugar, é do aprofundamento das contradições econômicas e da extensão das lutas de classes que vai nascer a ruptura da sociedade capitalista e a libertação dos homens no comunismo. É claro que o clínico tem algum papel a desempenhar nessa clínica objetiva da história: a teoria revolucionária que ele desenvolve participa do movimento revolucionário, ela o acelera ou evita-lhe erros, mas é um adjuvante em um processo que tem sua própria dinâmica. Quanto à observação das contradições e dos conflitos, ela tende a mostrar como as contradições se aprofundam e não a revelar princípios econômicos que se encontrariam, de forma modificada, na sociedade futura.

O que está sendo reformulado, com essa imagem da clínica, é toda a teoria da revolução social. A clínica relembra os dois momentos do exame e da indicação dos remédios. Ao fazê-lo, permite concentrar a reflexão na questão da articulação entre esses dois momentos: qual é exatamente a natureza das transformações marcadas pelo advento da revolução social, tal como a concebe Proudhon? A revolução seguramente marca uma ruptura entre a velha ordem e a sociedade emancipada, mas existem certas continuidades e em que pontos, ou deve-se prever um rompimento total e em todos os pontos? E se houver uma ruptura radical, não retornamos à utopia que opõe absolutamente o mundo de amanhã ao mundo de ontem? Proudhon colocou a questão nesses termos já em 1846 em *Système des contradictions économiques*: trata-se de fato de analisar o conjunto das contradições socioeconômicas e, pelo menos brevemente, delinear as soluções que são necessárias em vista dessas contradições. Mas, se nos ativermos apenas a esse texto, as respostas a esse problema da passagem do presente para o futuro estão longe de ser simples e o

pensamento de Proudhon parece hesitar entre várias possibilidades. Tomemos dois exemplos, um mais econômico sobre o estabelecimento de valores e o outro político.

No capítulo II do *Sistema de contradições...*, e novamente no 3º Estudo de De la Justice, Proudhon levanta o problema da fixação de valores dos trocas. Nessas passagens, ele recusa vigorosamente as manipulações financeiras e as restrições políticas que impõem o arbitrário no mecanismo de formação dos preços. Parece-lhe que a multiplicação das trocas, a concorrência, as informações dos mercados resultam na regulação dos preços das mercadorias e poderiam conduzir, se os obstáculos artificiais fossem eliminados, à “*constituição*” do valor e à fixação do preço justo. Seguindo o pensamento de Proudhon nessa direção, deve-se pensar que regulamentações econômicas já estão em ação no regime capitalista, delineando contornos de regulamentações futuras. A ênfase recairia sobre a existência de leis econômicas e Proudhon pode estar parcialmente de acordo com os economistas liberais, hostis à regulamentação e às intervenções estatais, confiantes na sabedoria e na eficiência do mercado.

Mas, nessa mesma obra de 1846, Proudhon esboça outra linha de pensamento quando menciona e deseja a submissão de todo o edifício político aos funcionamentos socioeconômicos. Tal hipótese sugere uma transformação completa da ordem estabelecida, a subordinação, a “*liquidação*” do político. Anuncia-se então uma perspectiva completamente diferente que será motivo de inquietação durante a Revolução de 1848 e, em particular, nos artigos escritos durante a polêmica com Pierre Leroux. Esses dois exemplos ilustram duas figuras possíveis do clínico. No primeiro caso, sua tarefa é analisar as contradições socioeconômicas, examinando todas as suas consequências sociais, mas também observar as suas estruturas e os desenvolvimentos necessários. Ele deve mostrar quais dinamismos estão em ação no contexto do regime de propriedade e como continuarão na sociedade futura, desde que os obstáculos arcaicos sejam removidos. Nesse sentido, o clínico enfrenta uma tarefa importante: dissipar as ilusões e as utopias daqueles que imaginam ingenuamente que se pode criar um mundo completamente novo baseado em princípios derivados dos sonhos do profeta. O argumento contra os utopistas baseia-se no fato de que os funcionamentos econômicos não são tão absurdos como eles imaginam e que traçam necessidades essenciais para a vida produtiva e para as relações comerciais. O clínico observa, diferencia o normal do patológico, adverte sobre a ilusão de ignorar a “*realidade*” e projeta o futuro levando em consideração o que o passado contém de permanente.

No segundo exemplo, a tarefa do clínico é não menos delicada, mas é mais radical. Ele não pode tirar completamente das suas observações os elementos de reflexão para alimentar sua representação do futuro. Diante de contradições insuperáveis, ele deve projetar os contornos de um outro sistema social destinado a reorganizar o todo social. O clínico não abandona sua tarefa de analista e de observador, mas ele se torna mais crítico, mais veemente. Ele se torna também mais inventivo e mais arrojado porque traça os contornos de um mundo que está por ser construído (...*aedificabo*). Essa posição poderia ser ilustrada pelos capítulos de *Idée générale de la Révolution*, nos quais ele expõe os princípios da “liquidação social” e “a dissolução do Governo no organismo econômico”. Deve-se notar que essa orientação não está em total contradição com a anterior: a nova “organização das forças econômicas” permanece baseada nas condições anteriores da organização econômica ao mesmo tempo em que a retifica.

Proudhon escolheu claramente entre essas duas posições reformadoras, uma que se pode caracterizar pela sua relativa moderação e a outra pelo seu radicalismo? Mas será que ele tinha que escolher? Lendo a obra de 1846, Marx decretou que Proudhon nada mais fazia do que hesitar e finalmente inclinava-se para a moderação do “pequeno-burguês”. Bem ao contrário, os eleitores majoritários de 1848, como os juízes de Napoleão Bonaparte, consideraram sem hesitação que Proudhon alinhava-se aos perigosos destruidores da ordem estabelecida e propunha uma liquidação total do regime. Para responder à pergunta descartando as respostas polêmicas, talvez seja conveniente colocar entre parênteses as soluções que Proudhon formulou na urgência do período revolucionário. Os textos escritos em 1848 (*Solution du problème social: résumé de la question sociale; Banque d'échange [Solução de problema social: resumo da questão social; Banco de troca]*) certamente fazem parte da questão clínica como a caracterizamos; mas, diante da crise social e econômica, o clínico é convidado a dar a “solução” de todos os problemas, a inventar fórmulas concebidas de maneira apressada que permitirão, ele espera, a retomada das trocas e a circulação do crédito. Tais iniciativas acontecem em um período muito especial de mobilização social em que o clínico pode acreditar que a instituição de um novo regulamento financeiro (o Banco do Povo) poderia, passo a passo, ser o fermento de uma reorganização social geral. Proudhon pode acreditar, nesse período excepcional, que uma reforma econômica seria suficiente para desencadear uma revolução social, aproximando-se assim das ilusões utópicas que ele havia denunciado antes de 1848. O fracasso dessas tentativas vai lembrá-lo da complexidade da tarefa

do clínico revolucionário. Parece que é nos textos subsequentes que é preciso procurar as respostas às perguntas apresentadas.

Deve-se reconhecer que, tomadas literalmente, e de certa forma palavra por palavra, as respostas não são formalmente constantes. Proudhon permanece fiel ao projeto clínico de observar as realidades sociais e políticas, de apoiar-se na observação para traçar os contornos da sociedade revolucionada. Mas é fácil evidenciar hesitações, ou mesmo contradições, sobre esse ponto da articulação entre o dado e os objetivos. Por exemplo, as teses finais apresentadas em *De la capacité politique des classes ouvrières* [Sobre a capacidade política das classes trabalhadoras] não são, de modo algum, idênticas às teses esboçadas em *De la Justice* sobre a reorganização social.

Mas é certo buscar respostas simples e repetitivas quando Proudhon não parou de alertar sobre a complexidade das realidades humanas? Não se deve dissociar os problemas e investigar se Proudhon não foi levado, a partir de sua experiência e de seus conhecimentos, a dissociar as respostas nos três diferentes níveis da economia, do sociopolítico e do simbólico? Certamente, várias indicações lembram que esses três níveis não são totalmente dissociáveis e é um dos objetos de reflexão buscar as relações (de causalidade? de determinação? de concordância?) que podem ser identificadas entre esses níveis. Entretanto, quando se consideram os trabalhos posteriores a 1850, pode-se distinguir três conjuntos de textos que tratam separadamente cada um dos três níveis. As reformas econômicas são desenvolvidas principalmente nos estudos 5º e 6º de *Idée générale de la Révolution au XIX^e siècle*, retomadas, no que diz respeito à propriedade, em Teoria da Propriedade, sintetizadas em *De la capacité politique des classes ouvrières*. As reformas sociopolíticas são tratadas precisamente em *Les confessions d'un révolutionnaire*, *La guerre et la paix* [A Guerra e a Paz] e em todos os artigos que desenvolvem as teses do Princípio fédératif. Quanto às questões ideológicas, elas estão, naturalmente, constantemente presentes no pensamento de Proudhon, entretanto, são sistematicamente desenvolvidas apenas em *De la Justice*. Pode-se perguntar se as relações entre os dados do passado e a sociedade do futuro não são, em certa medida, diferentes, dependendo do fato de se considerar o econômico, o sociopolítico e o ideológico. Se fosse assim, seria preciso admitir que a tarefa do clínico não será idêntica de acordo com as áreas consideradas. É a hipótese que eu gostaria de sugerir aqui destacando simultaneamente que Proudhon vai encarar, nessas três frentes, adversários diferentes.

Pode-se admitir que a área econômica é aquela em que Proudhon vislumbrou mais continuidade relativa entre a desordem existente e os

dinamismos inerentes à sociedade futura. Sem pretender desenvolver essas concepções em todas as suas consequências, destacamos apenas a grande importância da ideia de *equilíbrio* nesses textos. Conforme desenvolvidas na época, as noções de equilíbrio, balanço e também contrato transformam, na verdade, as condições da produção e da circulação, mas retomam, no entanto, elementos da vida econômica existente e as antinomias que haviam sido analisadas em 1846. As teses desenvolvidas em *Théorie de la propriété* [Teoria da propriedade], concluída em 1862, são exemplares nesse ponto: a reforma proposta não visa perturbar a propriedade, mas recolocá-la na dinâmica das dialéticas sociais para fazê-la executar um papel de contrapeso, de “fortaleza inexpugnável” contra o poder¹⁵. Sendo assim, a tarefa do clínico é, particularmente, analisar as tendências fortes da história econômica, demonstrar que os dados antigos são necessários, apesar dos erros e injustiças aos quais deram origem. E, nessa primeira área, o clínico deve esperar combater tanto os conservadores, determinados a não mudar nada, quanto os utopistas e os sonhadores impacientes.

Essa não é a mesma tarefa que cabe ao clínico no plano político. Proudhon propõe nada menos que uma reorganização total e a dissolução do Estado centralizador. Esse é o plano da maior confusão e das paixões mais intensas, como Proudhon pôde experimentar na Assembleia em 1848-1849. Nesse nível, ele assume duas tarefas diferentes: uma como representante tribúncio e outra como reformador, enfrentando públicos diferentes. Na Assembleia, ele entra nas disputas políticas como representante dos artífices e trabalhadores: a tarefa que ele se propõe então é a de apresentar demandas populares diante de uma Assembleia hostil. Proudhon falha em convencer deputados que representam os vários interesses dos privilegiados, mas pode, com razão, pensar que ele encarna então a causa proletária. A segunda tarefa política é de outra ordem porque, ao defender o federalismo, ao defender estruturas sociopolíticas chamadas, em particular, a afastar as guerras internacionais, Proudhon se coloca no nível de uma revolução internacional que muito poucos estão dispostos a aceitar e a compreender. O clínico que, em julho de 1848, encarnava o proletariado, enfrenta, a partir de 1862, as reticências populares e a opinião amplamente dominante. É preciso então uma ousadia determinada e um esforço obstinado para resistir às invectivas

15 PROUDHON, Pierre-Joseph. *Théorie de la propriété* ; Paris : Librairie Internationale, 1866.

generalizadas.

O terceiro nível, aquele do ideológico, ainda que possa ser distinto dos dois precedentes, coloca o clínico em uma situação ambígua. Na medida em que suas análises lembram um longo movimento de distanciamento das mentes face às crenças religiosas, Proudhon encontra-se, naquela época, em conformidade com um vasto movimento intelectual amplamente desenvolvido no século XVIII e que persegue muitos movimentos, positivistas, ateus, maçons. O primeiro inimigo de Proudhon é o poder político do Segundo Império, aliado à religião estabelecida, que proíbe a divulgação da obra. Mas não gera um grande interesse entre as classes trabalhadoras, cujas preocupações imediatas não vão nessa direção.

O último livro, *De la capacité politique des classes ouvrières*, é, pode-se dizer, uma última resposta clínica e escapa, em grande medida, às distinções que acabamos de traçar. No plano econômico, Proudhon não abandona suas teses anteriores, mas as integra mais rigorosamente em uma síntese social (o “sistema mutualista”) cujas origens populares e artesanais são fortemente destacadas. No plano político, a obra resume a crítica do imediato (as eleições de 1863, a obrigação do juramento) e a defesa do federalismo, programa político suscetível de ser ouvido por um movimento social. As posições pessoais sobre os costumes são aqui eliminadas em favor de uma teoria geral da emancipação. Respondendo diretamente “a alguns trabalhadores de Paris e de Rouen que o haviam consultado sobre as eleições”¹⁶, o clínico encontra uma poderosa unidade de pensamento como eco de um movimento social em fase de organização. A obra está situada em um ponto de encontro entre a pesquisa clínica e a pesquisa própria ao movimento social.

16 PROUDHON, Pierre-Joseph. *De la capacité politique des classes ouvrières*. Paris : M. Rivière, 1865, p. 47.

Referências

De la bienfaisance publique. T. 1 / par M. le Bon de Gérando,... Gérando, Joseph-Marie de (1772-1842)

De la capacité politique des classes ouvrières / Pierre-Joseph Proudhon

De la démocratie en Amérique. Tome 1 / par Alexis de Tocqueville

De la justice dans la Révolution et dans l'Église : nouveaux principes de philosophie pratique adressés à son éminence monseigneur Mathieu, cardinal-archevêque de Besançon

De la Misère des classes laborieuses en Angleterre et en France : de la nature de la misère, de son existence, de ses effets, de ses causes, et de l'insuffisance des remèdes qu'on lui a opposés jusqu'ici, avec les moyens propres à en affranchir les sociétés, par Eugène Buret. T. 1 Buret, Eugène (1810-1842)

De la Misère des classes laborieuses en Angleterre et en France : de la nature de la misère, de son existence, de ses effets, de ses causes, et de l'insuffisance des remèdes qu'on lui a opposés jusqu'ici, avec les moyens propres à en affranchir les sociétés, par Eugène Buret. T. 2 Buret, Eugène (1810-1842).

Du principe fédératif et de la nécessité de reconstituer le parti de la révolution / par P.-J. Proudhon

Idée générale de la révolution au XIXe siècle, choix d'études sur la pratique révolutionnaire et industrielle, par P.-J. Proudhon

La guerre et la paix : recherches sur le principe et la constitution du droit des gens / par P. J. Proudhon

Les confessions d'un révolutionnaire, pour servir à l'histoire de la révolution de février / par P.-J. Proudhon

L'esprit de conquête / Benjamin Constant

Organisation du travail / par M. Louis Blanc, rédacteur en chef de la Revue du Progrès

Système des contradictions économiques, ou Philosophie de la misère. Tome 1 / par P.-J. Proudhon

Tableau de l'état physique et moral des ouvriers employés dans les

manufactures de coton, de laine et de soie : ouvrage entrepris par ordre... de l'Académie des sciences morales et politiques / par M. Villermé,... Villermé, Louis René (1782-1863)

Théorie de la propriété : suivie d'un nouveau plan d'exposition perpétuelle (Nouvelle édition) / par P.-J. Proudhon

RECEBIDO EM: 17/06/2022
APROVADO EM: 22/06/2022